

A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA PELO EXÉRCITO BRASILEIRO: DO *ETHOS* MILITAR AO AGIR PEDAGÓGICO NA *REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA* (1932-1959)

Fábio Marques Bezerra

Colégio Militar do Recife (CMR) e Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB)
fab.mb@hotmail.com

INTRODUÇÃO

O que é ser professor de Educação Física? Qual a imagem representada pela sociedade para esse profissional? E quais as origens dessas representações simbólicas? Em sua discussão historiográfica, o historiador francês Michel de Certeau (2000) afirma que uma determinada produção intelectual está submetida a imposições e enraizada em uma particularidade. Nesse sentido, a construção da imagem do professor de Educação Física não se deu diferente, sendo ela estabelecida, entre outras instâncias sociais, pelo Exército brasileiro.

Se atualmente se diz que o professor de Educação Física em particular defronta-se com uma sociedade complexa decorrente de mudanças paradigmáticas, em meados do século XX esse mesmo agente educacional também se viu em construção da sua figura enquanto “ser docente”, bem como da realidade educacional a qual deveria atuar. Tais configurações imaginárias nos modos de ser, pensar e agir na docência foram retratadas nas páginas de um periódico impresso pelo Exército, de tal modo que essa imagem do vir-a-ser professor de Educação Física ainda permeia a cabeça de muitos hoje em dia.

Nesta pesquisa em andamento, mais do que listar sobre quais os atributos pessoais e formativos ou os modos de operacionalização das ações pedagógicas seriam necessários para um indivíduo se constituir enquanto professor, buscar-se-á analisar os discursos estabelecidos por articulistas da *Revista de Educação Física do Exército*, subordinados à instituição militar, na construção da imagem de quem é (ou deveria ser) o docente responsável pelas práticas corporais dentro da escola.

Em meio aos discursos sobre o *ethos* militar e o profissional da educação, a imagem do professor de Educação Física foi sendo construída - se não moldada - em um período de efervescência política, sociocultural e educacional, no Brasil e no mundo, entre as décadas de 1930 e 1950. E diante dessa consideração, a pesquisa se concentrará entre os anos de 1932 e 1959, respectivamente o ano de criação e o da segunda interrupção da circulação do impresso, mas que também conservaram momentos históricos para o Exército enquanto instituição social (com as missões militares francesa e americana), para a educação em geral (com a vigência de ideais da Escola Nova e a ampliação das estruturas de ensino) e para a própria Educação Física brasileira (com a passagem do foco na ginástica para os esportes).

A pesquisa buscará indícios que possam confirmar a ideia da construção da imagem do “ser docente” na Educação Física escolar ser resultado do processo de apropriação de novas racionalidades e sensibilidades acerca da Educação Física, assim como de novas perspectivas na formação e relação docente com os novos códigos e saberes vigentes pelo e para o corpo escolarizado. Em outras palavras, responderá a seguinte questão: como a configuração de um *ethos* militar pôde promover uma determinada imagem sobre o que deveria ser e como agir pedagogicamente o professor de Educação Física na escola brasileira?

Nesse sentido, este trabalho tratará da análise dos primeiros processos de identificação da imagem desse professor, baseando-se nos discursos estratégicos proferidos pelas “vozes” representativas do Exército, ao mesmo tempo em que se viu como produto das transformações

resultantes de (novos) saberes, racionalidades e sensibilidades formativas e pedagógicas que permeavam a Educação Física.

METODOLOGIA

Para o desenvolvimento dessa pesquisa, compactuaremos com os pressupostos teórico-metodológicos da História Cultural, principalmente explorando o conceito de *apropriação* (CERTEAU, 2000), no uso das estratégias intelectuais e configurações profissionais que estavam presentes no periódico. Também serão expressos - mesmo que não de modo diretivo - os conceitos de *representação* (CHARTIER, 2002), diante da noção de entrelaçamento das representações sobre o docente ao *ethos* militar e ao percurso histórico-educacional, e de *circularidade cultural* (GINZBURG, 2000), na análise das relações e possíveis disputas entre os padrões culturais que permearam o impresso no recorte temporal proposto, no intuito de se entenderem as representações dos militares sobre o professor de Educação Física e a sua ação pedagógica para o ambiente escolar.

Nesse momento, vale ressaltar que o presente trabalho se fundamentará nos usos da abordagem qualitativa, sob o método historiográfico e a pesquisa documental, ligando-se às áreas da História e Historiografia da Educação e Educação Física, e partindo da compreensão da narrativa produzida pelo “outro” ao mesmo tempo em que se tratará da desconstrução crítica e autodeterminada dos discursos no decorrer do processo histórico. Dessa maneira, a busca por respostas partirá da interrogação das fontes a serem analisadas, com rigor metodológico, de modo a olhá-las como indícios do passado, portadora de vestígios e concepções ligadas a uma determinada realidade, e não apenas como registros depositários de uma “verdade absoluta”.

Logo, na busca por elucidações sobre essa construção da imagem do professor de Educação Física, debruçar-se-á na leitura e análise dos discursos (MAINGUENEAU, 2008) apresentados nas diferentes seções que compunham a *Revista de Educação Física do Exército* (editoriais, programas de ensino, artigos, recomendações do Estado-Maior, anúncios) no recorte temporal estabelecido, sendo tal impresso escolhido porque foi considerado o de maior circularidade no país à época, bem como um dos primeiros a estabelecer os contornos iniciais sobre a formação imagética e pedagógica do professor de Educação Física.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O professor exerce uma função única dentro da escola. É considerado o elemento de ligação entre o contexto interno (a escola), o contexto externo (a sociedade), o conhecimento dinâmico (os saberes) e o aluno. Contudo, segundo Cunha (1996), o papel do professor não se encontra claramente definido e nem valorizado. Além disso, não se pode esquecer de que o professor é fruto de um determinado contexto histórico e social.

Vários estudos abordam o tema da figura do professor para questionar a sua formação acadêmica, o seu desempenho profissional e, até, a estruturação de sua imagem diante da sociedade. Para além das características da personalidade dos indivíduos, existem alguns “consensos” sobre o imaginário acerca do ser docente em Educação Física, abordando desde as suas características físicas até a sua prática pedagógica no meio escolar. E essa imagem projetada - e ainda corriqueira na escola e na sociedade - tem uma história, que aos poucos foi se estruturando, e que teve uma relevante participação de militares, médicos, educadores, entre outros membros da sociedade civil, que transformavam seus pensamentos e suas palavras em discursos de ordem, encontrados e divulgados, em meados do século XX, em folhetins, jornais, livros e periódicos impressos.

A *Revista de Educação Física do Exército*, criada em 1932 sob a chancela da Escola de Educação Física do Exército (ESEFEX), foi considerada um avanço no projeto militar de expansão da Educação Física no país. Tinha por objetivo divulgar a “doutrina escolar” e os “princípios da educação do corpo” (BEZERRA, 2011), ou seja, a prática da Educação Física na sociedade civil, e imprimiu em suas páginas, durante muitos anos, um conjunto de argumentos e propostas de intelectuais, instrutores militares e professores da área sobre o mundo militar, as diferentes áreas da Educação Física e os aspectos particulares na formação docente e no seu ensino dentro e fora da caserna e dos muros escolares.

Esse conjunto de argumentos e propostas configuravam processos e produtos do *ethos* que constituía o Exército enquanto instituição de força/ordem social e educativa. E ao se falar em construção imagética do professor de Educação Física, é possível pressupor que a mesma se deu de forma intencional, consciente e planejada, já que as escolhas lexicais, o estilo e o conhecimento de mundo do orador/articulista, bem como as ilustrações, as diferentes bases e propostas pedagógicas e a organização das diversas partes da *Revista* foram suficientes para a construção (e perpetuação) do *ethos*, visto o mesmo ser um recurso retórico.

A respeito dessa incidência no ser docente e na constituição de sua imagem frente à sociedade, não se pode deixar de mencionar que, historicamente, sempre ocupou espaço em discursos oficiais, sob diferentes perspectivas e intencionalidades ideológicas, no sentido de responder às exigências que a sociedade e/ou o poder hegemônico faziam/fazem acerca das novas configurações de homem necessárias a uma sociedade em permanentes mudanças.

Essa preocupação na formação de um tipo “ideal” de professor por parte do Exército surgiu com a necessidade da própria instituição montar um sistema de ensino militar moderno e que, conseqüentemente, favoreceria a preparação para a guerra, mesmo em tempos de paz. Assim, o Exército brasileiro começou a se envolver com o processo de educação da população civil diante do elevado índice de analfabetismo dos conscritos para o serviço militar.

Ferreira Neto (1999) explica que foi a partir desse momento que a caserna (o Exército) se transformaria em educadora do povo, na acepção de aparelho ideológico encarregado de difundir os princípios da ordem e da disciplina.

Aliás, na doutrina do Exército, ser disciplinado é aceitar com convicção e sem reservas a necessidade de uma lei comum, que regule e coordene os esforços dos seus quadros. Por isso, a educação militar considera fundamental o princípio da disciplina, que é a completa submissão aos preceitos regulamentares e à obediência sem hesitação aos chefes, sendo tal forma de pensar transferida para a educação do corpo, cabendo ao professor de Educação Física exercer esse posicionamento dentro das escolas.

Já desde as primeiras páginas da *Revista*, o oficial é considerado um educador antes de tudo. No exercício da docência, competiria ao instrutor não ser mais o “mestre de ginástica”, o homem dos músculos hipertrofiados de tempos passados, mas um educador por excelência, “a quem incumbe tornar o homem um valor positivo, uma parcela útil dentro da coletividade humana através do preparo físico e da formação moral da mocidade” (FERREIRA NETO ET AL, 2014, p. 1482). E nesse processo que deveria ser pedagógico, a educação do corpo passou a ser compreendida como a possibilidade de atuar sobre o mesmo, porém visando a educar não só o corpo, mas também a sensibilidade e as formas de perceber e agir sobre a realidade, criando nesse processo novas subjetividades.

Desenvoltura intelectual, preparo técnico, conhecimento de humanidades, linguagem apurada, conduta exemplar, atitudes dignificantes, resistência física, força de vontade, senso de justiça, noção do dever, amor à Pátria, personalidade, idealismo, disciplina, bondade e energia. Essas seriam algumas das características comportamentais e técnicas do moderno professor de Educação Física, projetadas pelos articulistas da *Revista* e que, por sua imagem profissional positiva, resultaria em um modelo “ideal” para os seus alunos. E isso faria com

que a Educação Física fosse reconhecida como atividade necessária ao bom desenvolvimento da sociedade brasileira.

Complementar a essa concepção sobre a forma física e o comportamento docente, bem característica ao pensamento militar, o modelo pedagógico a ser seguido deveria estar pautado nas diretrizes do higienismo e da Escola Nova. Tendo por objetivo o desenvolvimento integral do indivíduo escolar, pressupunha-se um ensino-aprendizagem sob a máxima do “aprender a aprender” - que no caso da Educação Física escolar foi identificada como “aprender a fazer” (FERREIRA NETO, 1999).

Tal preocupação pode ser interpretada como um indício da circulação e apropriação, por parte dos articulistas, das ideias pedagógicas que gradativamente comungavam com as representações de uma sociedade “renovada”, bem como das bases científicas advindas da cada vez mais influente Psicologia da Aprendizagem e que, conseqüentemente, passaram a configurar não somente as imagens sobre a ação pedagógica do professor, como também um suposto cenário de (in)formação docente “da” e “na” Educação Física.

CONCLUSÕES

Como primeiras observações conclusivas da pesquisa, pode-se dizer que, entre artigos, imagens e propostas pedagógicas, houve na *Revista* uma ligação dos articulistas com a necessidade formativa dos professores de Educação Física através da circulação de saberes. Tal formação acabava por se constituir num processo que possibilitava a mediação entre os interesses externos e as práticas internas à educação, entre as instituições formadoras e os agentes educacionais, permitindo o tratamento dos aspectos físicos, epistemológicos, técnicos e pedagógicos da área em articulação com seus problemas concretos, valorizando não apenas a transição desses saberes como os processos de produção de conhecimentos construídos no trabalho docente.

Essa situação relacional acabou gerando frutos: as inovações que a nova pedagogia colocaria em cena passaram a produzir, para o ser docente, novos saberes, sensibilidades e racionalidades compatíveis com os novos ritmos da sociedade, tal como uma imagem (auto) interpretada e uma (res)significação da Educação Física escolar. Diante do desafio de educar educando-se, de estar atento e acompanhar as mudanças que se processavam de forma quase instantâneas em vários âmbitos, os novos “códigos” ideológicos, socioculturais e pedagógicos trouxeram novas perspectivas de formação profissional e projeções imagéticas docentes - que se perpetuam no senso escolar até os dias de hoje.

REFERÊNCIAS

BEZERRA, F. M. **Educação Física no jardim de infância: concepções e práticas corporais infantis na Revista de Educação Física do Exército (1932-1942)**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2011.

BLOCH, M. **Apologia da História ou o ofício de historiador**. São Paulo: Jorge Zahar, 2001.

CERTEAU, M. de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

CHARTIER, R. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 2002.

CUNHA, M. I. da. **O bom professor e sua prática**. 2 ed. São Paulo: Papyrus, 1996.

CUNHA, A. C. Representação do “bom” professor: o “bom” professor em geral e o “bom” professor de educação física em particular. **Educação em Revista**, Marília, v. 11, n. 2, jul-dez 2010, p. 41-52.

FAUSTO, B. **História concisa do Brasil**. São Paulo: Edusp, 2002.

FERREIRA NETO, A. **A pedagogia no exército e na escola: a Educação Física brasileira (1880-1950)**. Aracruz: FACHA, 1999.

_____ et al. Por uma teoria da Educação Física brasileira na imprensa periódica de ensino, técnica e científica. **Movimento**, Porto Alegre, v. 20, n. 4, p. 1473-1497, out/dez 2014.

GHIRALDELLI JÚNIOR, P. **Filosofia e história da educação brasileira**. 2.ed. Barueri: Manole, 2009.

GINZBURG, C. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.

MAINGUENEAU, D. O ethos na análise do discurso. In: AMOSSY, R. (org.). **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2008.

SCHNEIDER, O. Entre a correção e a eficiência: mutações no significado da Educação Física nas décadas de 1930 e 1940 – um estudo a partir da Revista Educação Physica. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 25, n. 2, p. 39-54, jan 2004.

_____; FERREIRA NETO, A. Americanismo e a fabricação do “homem novo”: circulação e apropriação de modelos culturais na Revista Educação Physica (1932-1945). **Movimento**, Porto Alegre, v. 14, n. 1, p. 135-159, jan/abr 2008.